

ALZETINENSE

● PROPRIEDADE da Empresa AZEITUNENSES ●
 ● Redacção e Administração ● ● ● ● ●
 Rua da Provisões, 43, 1.º Andar — LISBOA

Toda a correspondência para os corretores e para o Provedor, G. L. G. de
 Paiva, para Francisco Vialdo—Vila Morgada—Avizela

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

● Não se recebem originaes semão não publicados ● ● ● ● ●
 ● Não se aceitam subscrições avulsas ● ● ● ● ●

EDITOR E GERENTE
 Vicente Faria de Bettencourt

Orgão independente defensor das interesses de Alzétim e arredores

ADMINISTRADOR
 Manuel Faria de Bettencourt

INTELECTOR
 Gaspar Faria de Bettencourt

Composição e Impressão
 Tip. Henrique Tarras—R. de S. Bento, 279—LISBOA

Domingo, 21 de Dezembro de 1919

PREÇOS DE ASSOCIAÇÃO PREÇOS DE ALICENCIAMENTO LEGAL
 Trimestre 400 (400 réis) 1.º Pagam. 400 (400 réis)
 Semestre 800 (800 réis) 2.º e 3.º Pagam. 800 (800 réis)
 Anual 1600 (1600 réis) 4.º Pagam. 1600 (1600 réis)
 Pagamento adiantado

Boas Festas

A todos os nossos prezados colaboradores, assignantes, anunciantes e amigos, o «Alzétimense» deseja umas festas tão felizes, quanto é possível, nos tempos que vão correndo, fazendo votos porque o proximo anno de 1920, desperte em alvares de festiva esperança e calma alegria.

Natal

«Gloria e Douz nas alturas!
 E paz nos homes na terra!

Alquebrado e tremulo, o velho natal de longas noites brabas, de borão e sapão, vem-se arrastando pezaço e entristecido.

Triste como o Outono, já o não conduz a mão benéfico da Esperança já não traz aqual sorrizo bondoso de tranquilla felicidade!

Quir ora trazia no alforço a alegria das creanças... brinquedos; e para nós, a calma consoladora, o penhor de umas treguas fugidas.

Hoje traz no alforço, illusões e esmalha sob o peso do desalento. E que tem assistido à perda maliciosa de uma alma humana, a que tem visto as moléstias horríveis do irmão, e que foi victima tambem da furia insana dos barbaros descretes.

Natal!...

Como o pensamento vae longe em busca de lembranças, carinhosas, e que saudade se evocam no meo espirito nas recordações alegres destes dias de festa, que ora chegam!

Era uma alzelga que se aconidia em novas almas, ao moncoo cabir das doze badaladas da meia noite, cortando inelegantemente a aragem fira da noite invernal moimbeus e esmalhada.

Acordiam-se as duas velhinhas de cara cheirosa, ao Menino Jesus — a velha reliquia da casa, nossa companheira em viagens e veranicos, — e deante d'Elle, contemplado a sua expressão tam carinhosa, não ficavam rezando n'am doce enleavado bem estas:

E o Menino Jesus parecia sorrir-nos, prometter-nos a graça do ceu, grato pelo nossa mystica adoração.

Estor a ver essa noite bella de ha largos annos!

Nosso avô com os seus olhos semicerrados, para manter a nossa esportiva, ia nos contando historias curiosas da nos sociedade radio-a, os prozas heróicas de seu Pae, — official que tomou parte nas luctas entre liberais e miguelistas, pagando sempre pelo seu Rei, o senhor Dom Miguel, — afirmando com respeitosa convicção, que a historia era verdadeira.

Nosso bondoso avô, arrastando sempre, sem parar um minuto na coxilha, olhando com cuidado excessivo, o decurso da creada.

Nossos bonos paes, sorrindo felizes no calvo das almas tranquiadas, sem preocupações, na consciencia, auxiliando-se mutuamente na agramada vida.

Poucos convivas mais; nossos dias, a si com as suas tradições enxaquecos e o tio, figura symbolica de lord Alzétim, sobrio, mas bem conversador, a penejada garrula e folgará e... mais ninguém!

A' meia-noite, depois da curta ado-

O NATAL

Este natal de Jesus
 Ha dois seculos que o fez,
 Com barro mole, um oleiro,
 Verdade não a traduz;
 Mas, por ser tão portuguez,
 — E' para nós verdadeiro...

No grande átrio, todo em ruinas,
 Dum palacio pomboalio,
 Em cuja frente se vê
 O nobre escudo das quinas,
 Estão, a um canto, o Menino
 E a Senhora a São José.

São José tem na cabeça
 Um largo chapuz braguéz
 Derribado por os olhos;
 E a Virgem Maria, essa,
 Tem chinelinhos nos pés
 E veste sáda de folhos...

O menino está deitado,
 Entre as radiações dum halo,
 Num loiro leito de palha;
 E suas maninhas, sorriem-lhe.
 Acerca-se a bafejão
 E mormente o agasalha.

Para o filhinho tão lindo,
 Numa expressão sem que luz
 O seu câmbio de mão,
 A Senhora está sorrindo...
 Na boquinha de Jesus
 Paira um sorriso tambem...

Com as mãos no coração,
 Com o olhar cristalino
 Em que ha lagrimas e saés,
 São José, cheio de anção,
 Fita a Mãe, mira o Menino,
 — E sorri-se para os dois...

E' que estão proximas já,
 E' que já estão vistantas
 As tardanças de comenteo
 Em que as tarbas prégará
 O amigo das creanças,
 Dos coraçãoes innocentes...

(Alta Plena)

ração ao Menino e de reconhecidos louvores a Deus, pelos benedictos dispensados, ha a família para a mesa, não sem que tivesseis posto os nossos sapatos na chaminé á disposição da generosidade do Deus — Menino.

A canja fumegante era tomada com recolhimento, depois expandia-se a alegria e ao termino a ceia, a que não faltavam as frutas secas e o puding de pão, especialidade culinaria da nossa bom Pae, davam-se graças a Deus e da uma recolinha-se; os velhos com a tranquillidade feliz de quem é justo e bom, e os pequenos, com a esperança de que o Menino Jesus se não esquecesse de nos contemplar com os seus brinqueos.

E a meza, com a alva toalha de linho, não se levantava senão depois do dia da festa Grande.
 Que bello tempo!
 Era o tempo consagrado á familia; quasi que ninguém sahia e recorda-

Um anjo de azas nevadas,
 De formas finas e parás,
 Este distincto descera
 Das suas nuvens delicadas:
 «Gloria e Douz nas alturas!
 E' paz aos homes na terra!

Vem, pela estrada fóra,
 Tres monarcas em tres bravos,
 Infalliveis corceis.
 E que estái chegados a hora
 De mais humildes escrivas
 Se equipararem aos reis...

Num duo desconcertante,
 Dois côcos vão a tanger,
 Nos vilcões, com gesto lento,
 E que chegou o instante
 Da pobreza meteo...
 O premio do sofrimento...

Um coxo de pés cambados
 Aíra as muietas fóra
 E a correr, mal piza o chão.
 E que está chegando a hora
 Dos tristes, das desgraças
 — Sentirem consolação...

Toos adute uma pastora
 Para mais outras bailarim
 Entre vrebais e lebreus,
 E que está chegando a hora
 Daquelle que muito amarem
 Serem dilectas de Deus...

Um petiz faz palhaçadas
 Com elastico vigor,
 Alegria irreprimivel,
 E, pelas calças rachadas
 Ao longo do sim-senhôr,
 Vê-se-lhe a fralda saia...

AUGUSTO GIL.

mo-nos bem de que nosso Pae, quando lhe pedimos para sabermos um pouco com Elle, nos dizia, repetindo a phrasa conselheira e habitual de seu querido Pae:

«Mata-se o leitostinho e faz-se a festa em casa!»
 Natal deliciozo da minha infancia, como eu vae recordo saudosamente, hoje que as lactas fraticas, que os odio e egoismo nem sequer neste dia de paz universal, tem fugas...

A civilização, com a sua pretensa superior, tem espedinhado desdehoscorta, o pouco que da tradição nos restava, sem se lembrar, sem considerar sequer que é na tradição, que os grandes paizes, que querem progredir, se devem fortalecer e confortar.

Hoje o Natal passa desconhecido, como toda a comemoração a que falta o estrodo do foguetório irreverente ou o ruído pervertido das saturnaes de orgia.

Quantas lagrimas lembram convicção, á moita luz das suas castas, lucida, em este tempo perdido nos horrores da guerra, preso ou exilado pelos torrelins da politica nefanda!

Natal d'angos...
 Quantas lagrimas não deslizarão neste dia, pelas faces do que, longe da Patria amortalhada em nostalgia e desespero, recordam com saudade e consado antiga, junto dos que são que-ridos!

Mas ha-de haver quem ria, ha-de haver quem se sintia feliz ha inconcencia pecuniosa da indifferença, do desdem grotesco.

São aqueles que conseguem elevar-se a cúria de traçoies, á força de vitalidade.

Para esses ha-de chegar, estou certo, a Sexta-feira de Paixão.

E por todas estas razões, o que o velho Natal das noites brabas brancas, se arrasta com pesar, como se se alforge trouxesse deslustradas, ou sombras de renovo.

E á luz tenue da lembrança, recordando o passado, lamentado não poder cantar como Camões:

«Agora a Saudade do passado,
 «Tormento puro, doce e magoado,
 «Ainda me lembra de um tempo de amor,
 «E os magoados lagrimas de amores.

Porque tam neste dia de paz universal, ha treguas nos coraçãoes frateros.

GASTÃO DE BETTENCOURT.

CHRONICA

Divagando

Assim como o velho adoteo acolta o arvoredo levando a terra longa redidilhaes cachos de folhagens, curvado-o para a terra a semelhar fantasmas, assim a vida passa como arvorede de infancia, flagelando-nos a alma, roubando nos as illusões, E quantas vezes as assistencias e sentimos partir sem esta esperança um velho sonho que não volta mais!

Quando o Outono chega, as folhas amarellecem, as arvoras arguem no cen os braços esquecidos e depois a chuva se aborça em compassados saltos a triste viveza da Natureza sua. E a neve a altas horas tee candida mortalha onde acarinhos as cinzas das folhas mortas, os restos desses corimbos verdes de esmeraldas.

Tambem á nossa alma o Outono chega um dia; leva-nos rente as illusões, os canticos de amoros sonhos, as almas de nossa alma, embosando flago sangrado para sempre lagrimas de uma Saudade eterna, o coração mazerado! N'algum que traga patente o Santissimo, do que ama e vive do doce pranto do luar doente...

A principio todos lamentam os corções que partiram da castita branca e de vividos, todos relembram a vez tam querido dos amores, a esperança bonausca e doce que o tempo consumiu. Depois, gradualmente, vens pesados toidam o pensamento, fustos o tiro apagam a memoria sagrada dos que morrerao em tanto mais vasto do que sentiram, ao ohar já não traem a melancolia dum pensamento doloroso. E' a Primavera que chega,

trajando galas, risos e festas. Tudo passou...

Também as arvores se vestem de folhagem e já não sentem os rigorosos frogezes, nem a penosa ausencia do passado que agora compõe melodias pantes de meiguice e novosinhos arms por entre as novas folhas.

Não toda a creatura segue as trajectas leves da ordem do trajecto. Alguns ha que nem de longe alcançarem o vago limite da semelhança que exifomos. Egoístas, completamente concentrados na ideia arcaica da sobrevivencia, vêem a vida em si e não mais sacramentos com um desgosto feozor de condenados. Nada os comove, nada os confrange, albergados na redoma esmaltada das aparências, vivendo com fócos altristias, ao pensar melancô das almas bem-fazejas.

Não sei que pensamentos, que ideias plausíveis em este assina possa conceber.

Talvez as fôrças que vagueiam pelos serôcos insónios dos seres Africanos, ou as que vivem nos canaviaes do Gange, tenham instinctos mais benévoloos, ragoos mais francos de generosidade que os que caem fundo os sentimentos d'alma ou atiram para longe as suplicas da creatura que se agoniamente, occulta da sua pobreza, na sua humildade.

Os restantes aproximam-se mais da tangente embora sejam joio na sédra humana. A maior parte, tristezas causadas enfiado, pezarão não querem sentir. Enganam-se a si proprio, iludem a sua propria alma, não querem acalentar ideias puras, não querem saber dos sentimentos dos outros, e se os comparam, é sempre com ironico desdenho.

Nunca creem em castas dedicaçoes, em nobres transpactes, suaves e santos. Para elles o materialismo é a norma da sua conducta e zombam da da immortalidade da alma. Compara a sua vida a uma mulher — esse supremo-Bem da Natureza — para mais tarde a transformarem em escrava, sacrificando-a em tudo, quando elle não estiver em obra quanto se não se queira meinguinho pelo formar de torças e de almas.

Outros querem na pelo seu oiro, sedentos de riqueza, alcançalos pela Grandeza.

E essa escoria negra de imbecis corruptions, fi-se, com esse rizo niver da obediencia, de quanto ha de bello na alma dos que sentem, na alma dos que tomaram por legenda o idealismo mais nobre e mais immaculado!

Deixá-los, deixá-los rir das lagrimas dos que choram, deixá-los viver em bocejos orgias.

Para que tomar o vivo dos chomes? Para cada injuria temos um sorriso, para cada odio a paz da consciencia.

HENRIQUE DE BETHENCOURT.

Ao Mondego

Se beijas as lavandras, Mondego, porque dá alar? Não creio n'essa cançoes, Quando choras é por mais...

Ha muita gente que diz Na verdade, não beijas, Que ha, Mondego, os amores, Se beijas as lavandras.

Non estando quando passares Entre os lindos arvoretes, Passares carpé degraças, Mondego, porque dá alar? Malhado a sua comigo Leva já horas inferas, E pertanto, meu amigo, Não creio n'essa cançoes. Porque, enfim, tu és um louco E amante dos trivias. Não te contastes com pzoon, Quando choras é por mais...

INSOUBUS.

D. Maria Cândida Parreira

Esteve aqui, de visita a sua familia, esta illustre advogada que vas montor consultorio de advocacia em Lisboa.

Pedaços d'oiro O Amor e o Mal

De J. Carlos

Diz-me, diz-me em meus braços, brandamente, Pomba addida de uma outra vida, Que ençoga a este convalescente, Mas não fôrça a este d'edificativo, Mas não fôrça a este d'edificativo.

Vem se dar-me um beijo bem profundo! Já não sou mais o teu bem! Já não sou mais o teu bem! Já não sou mais o teu bem!

Morangos e Violetas

De E. Carlos

Lydia, e de expozes soborboritas pretas, Sol que destroi em tempo a sua castidade. De morangos te crava um cachibombo, Truço de balanticas violetas.

Frução e flor's nasceram nas d'edictas Nôdoes do luminoso arantissimo, Onde, entre fozas, buco e romantismo, Nascem como um par de soborboritas.

—Nos morangos, é Lydia, archo o sabor D'essa d'edica, e multiplia o romantico A sua voz a sua própria fuzada.

Das violetas: assim o certo Amor, V'edictas, roves em quanto crepou. No chão odio o enterramos certo dia!

A copa de Balthazar

De E. Carlos

De uma Rita Magão tinham-se ido embora Os demostros d'edictas, ao luar — E seus prozentes de bello singuero, Theatralmente elle já no mangueiro.

Um pastor collocou o novo bozo Não se tem em um ali de bozo! A sua copia que em a Rita Balthazar Trouvera o clero innocente e a seguinte bozo.

Então, jura, qu'indico manter e que o vito Nada mais vive que o coqueinho pi, E que a riqueza de explandar innocente

Não se encontram Das vites do theatro, Ao agropar o vito innocente! —Leva a copa, mas deixa a myrtila e o inepial!

Perfeito

De O. Carlos

Nunca entrarei jettado o seu recado! Na solidão e ao fulgor que exala Fozas vedadas, meu rualismo cado! De aqutras, he, guero e de fozas.

Amor, cobricando... E, fozas, Advirio a esplendor das tuas vites, Na sua ruzada que me parava simo. E ouço a musica e o vito que te embala,

Entendiam-se os meus attos pompetos, E illuino-se um vito, maravilloso e bello Advirio de aqutras vites amadas.

E, d'edica, d'edica das estrelas, a luzes nocturnas, Hambo-ir, e aqutras, e choro, d'edica! Como um herbato atirando de tuas pontas.

Neve em flor

Voz de Neta e primos e da sua terra d'edica, neta ruzada portuguezada neta ruzada em tuas neta ruzadas em tuas.

Por que estás aqui, d'edica, (prouca e outro, sentido) Na sua ruzada que me parava simo, por que estás, que é vito innocente!

—Quebrar, meu coração deve ser o teu, que me parava simo, que me parava simo, que me parava simo.

As nossas estradas

E simplesmente miseravel o estado das estradas para aqui, e deploravel é que aquelles que têm a seu cargo olhar por ellas o não fazem conscienciosamente como devem.

Estamos convencidos que se providencias urgentes e energicas não forem tomadas dentro em breve tornarse-ha impossivel a communicação, principalmente com o Barreiro e Setúbal.

Sabemos que isto é bradar no deserto, mas que ao menos se não diga que as verbas com a maior intelligencia, a indifferença que o governo, quer de quem por elle está encarregado da conservação das estradas pelo que recebe certa e determinada recompensa.

Se, quando se escangalhas qualquer bocado da estrada, o zelo do funcionario, fizesse immediatamente a reparação devida, certos estadios que nuncas as estradas attingiriam o estado miseravel de ruina, que agora se vêem.

Toda a gente brada contra a falta dos generos e ninguém olha affinal a estas coisas que são, sem duvida, das mais coisas que originam-se mesma carestia.

No nosso país não a politica que se pratica, a politica que se pratica, as attensões e os cuidados, o resto é zero.

Os habitantes desta terra, como do resto de toda a parte, pagam as suas contribuições, que não são leves, tem o direito de saber, de saber, que se cibe pelas suas coisas, que se veja o real estado do dinheiro que — ás vezes é força de grande sacrificio — tem de entregar ao Estado.

E qual a recompensa desses sacrificios? O maior abandono, o maior desprezimento.

É necessario, é urgente que se cibe a estas coisas, que se remedie uma situação verdadeiramente miseravelmente vergonhosa.

Ha de admirar-se muita coisa dispensavel, que o haja para aquillo que é urgente e da maior necessidade.

E haja sobretudo um pouco mais de consciencia, de zelo, da parte d'aquelles que pelo Estado são encarregados da conservação do que ao Estado pertence.

Por hoje, ficamos por aqui.

Musa antiga

Canção

Enganados porquanto Com um resto vos tamed, Com vites vos d'edica.

Tomem-vos por um engano D'edica que d'edica, Inocentem assim enganado Um anno após outro anno, Tudo foi para mais d'edica, Não foi vi o que esperai, e vigo o que atrezei.

Quando vos tamed em vito com errodo presencio, fozas d'edica e de vito, não vos combrat simo, Pois vos tamed sem vito, com cila vos d'edica, e já nuncas esperai.

Conferencia sobre educação

Deverrealisar-se no dia 27 do corrente a terceira e ultima conferencia da serie que o nosso director se propoz realisar no sédo da Lareira do Catholicos de Lisboa, em que tendo sido muito apreciada, por encerrarem bellissimas licoes que, a serem seguidas, poderiam contribuir largamente para a restauração da nossa Patria.

A Educação

Sempre teve com forte razião da nossa decadencia, o desprezimento que de ha largos annos em Portugal, se tem votado á causa educativa, como tambem sempre pensa que ella é, sem a a mais pequena duvida, a pedra baccifera que aqutras creta economicamente edificio, como, injustamente se chama cívico.

Injustamente, sim! Pois que temos nos avancados tempos, seculos, em civilização? — para progresso, civilização, o avanço da sciencia, apenas?

Certamente que não. Sem duvida que a sciencia é que nos eleva ao nivel da perfeição material, desenvolvendo a riqueza, fomentando aasmbramento e o commercio, a industria e a agricultura, que promoveirão a permula entre os países, trazendo-nos como resultado tãto epratico, os meios de vida, como ejam os alimentos, o vestuario, as d'edictas.

Mac uo vito que impõe para que os povos sejam felizes e ella é, a Educação.

Sem educação nenhum povo pode ter a tranquillidade de espirito e de consciencia, base de toda a felicidade humana.

O estado decadente que presenciamos vem justamente da falta da educação.

Hoje difficilmente se encontra uma pessoa que seja bem educada. Por consciencia, sendo-se educação com instrução, como se estes dois factores do aperfeiçoamento dos povos, não tivessem a menor differença entre si.

Vejamos então qual a differença que existe entre si. A educação destina-se a transformar a pessoa illta, a aperfeiçoar-a, a dar-lhe sadias noções de moral, ensinando-lhe o que é a virtude e a honestidade e a mostrar-lhe a utilidade e a importância da perfeição eterna, sem for justo e bom. D'aquez nasce a consciencia, austeridade magistral que põe primeiro que o nosso semelhante, porque deve julgar antes de tudo a sua acção. Ha consciencia e o vito reflexo que se aproxima da perfeição eterna, sem for justo e bom. D'aquez nasce a consciencia, austeridade magistral que põe primeiro que o nosso semelhante, porque deve julgar antes de tudo a sua acção.

Talvez, mais creio bem que não é este o verdadeiro termo. Illeto-se tantas vezes, procedendo mal em seguida.

Eu chamolle portanto consciencia — não acho bem. A instrução, desnecessario se torna, por certo, d'edica que é illustração do espirito, a luz do cerebro que ajuda a razão a desconfiar os grandes problemas da vida.

Ora do consorcio da educação e da instrução é que resulta o homem perfeito.

A educação deve comecar desde o berço, logo que se abrem os olhos e até a idade da morte. Não é, portanto, a opinião de grandes pedagogos, nacionaes e estrangeiros.

A mãe deve ser a educadora, porque ninguém melhor do que ella pode ensinar no espirito dos seus filhos, o amor pela patria e pela justiça, o respeito da Patria e do trabalho.

As modernas theorias tem prejudicado extraordinariamente as verdadeiras noções sobre educação; tem-nas levado para um campo que agrada mais aqutras que a vida, tem-nas levado para o paratiro; impõe-se pela vaidade e pelo egoismo.

E como são mais as theorias e o campo está descedido, ellas que pagam e fructifiam, como em nosso habito fructifica o trigo que não ha de abandonar e maniar.

Trive-se cada um a comprehensão nida dos seus deveres, a clara noção de bo moral e da virtude, amassando-se uns nos outros e a humanidade seria feliz.

M. CARLOS MARTHA

Mulheres notáveis de Portugal

X MADRE PAULA

O que está apurado (pelo menos assim o pensava Camilo) é que, antes de ver o rei, a freirinha fora, do conde de Vimioso. Um ou dois anos depois das régias relações, era já mãe do menino, o infante Dom José...

— chevim sobre soror Paula beneficiada de toda a ordem, quer saldos do real bolso, quer dos cofres do erário. Chegou a receber a anuidade de 1.708\$000 réis, o que naqueles tempos equivalia a uma fortuna.

Quando ao seu estado, não será hipócrita afirmar que a religiosa vivia rodeada dum tasto de raimb. Os seus aposentos eram tudo quanto se possa fantasiar de mais suntuoso, verdadeiros aposentos da favorita dum rei príncipe e magnata do século XVIII.

«A camera, escreve Alberto Pimentel (1), estava revestida de espelhos dourados, que reflectavam ao reflexo dos candelabros. As cadeiras carmezinias com pés e braços de latão dourado albrilhavam-se intercaladamente com os bafes dourados e com os escriptórios de chumbo negro e ouro. As cortinas e repetidores eram de melânia escaurata, um estoffo ondulado, então em moda, com franjas e galões em que oiro, se a luz o locava, accendia fogaças palmeares.»

(1) As memórias de D. João V—Estudo historico—Lisboa, 1892, pág. 150.

«O leito de soror Paula, guarnecido de lamina de prata dourada, fechava-se dentro de um cortinado de melânia carmezim, apanhado em ondas por onde o oiro serpentejava em franjas e galões. Os cobertores e a colcha eram d'aquelle mesmo estoffo e côr. Os lençóis e de hollandas esfumando raudas. Um paraizo de preguiça voluptuosas, onde o silencio se abraçava de amoroso noite, nas setas de verão ou nos coroados de inverno, pelo reflexo da parede, que tangia minutos.»

O rei ia ter a fraina, de comodo ostensivamente, entrando e saindo com as estiquetas do ceremonial. Mais tarde, porém, fer construiu uma casa com passagem para o mosteiro, onde de resto, sempre a conseguiram infiltrar-se os adulatorios das belezadas que, por tirania paterna ou conveniências de familia, menos vezes a vocação, ali eram clausuradas.

«Criticava-se um visinho de mulheres bonitas Era-o tambem soror Paula T»

O sr. Alberto Pimentel escreve que não era, segundo a tradição, um exem-

plar de formosura. Dizem-na morena, contida ãe, de um trigueiro curvado como a Salomite (J). E avizora, como já fizera noutra livro, que nos amores da famosa moira com o rei se inspirava a canção ainda hoje corrente:

Chamam-lhe trigueirinha eu não me escandalizo; trigueirinha é a pimenta e vai à mesa do rei.

Não encontro nela os decisivos sinais que levariam o douto polígrafo a dar-lhe a epíteta filiação. Maiores razões me movem a favor desta, que eu ouvi cantar em Colares no verão de 1910, com a toda característica das modinhas do século 18:

S. João no seu altar uma cruz do oiro tem; João é a moza amada e eu o meu lamento.

(1) Ob. cit. páx. 145.

(Continua.)

Um passeio a Azeitão

No meu programma de vida elaborado desde tenras annas, e amadurecido na idade já senil da macieira d'aquelles primeiros tempos, sonhava por entre as nuvens dos devaneios, anacardado sempre, e por ultimo firmado pela força das ambições e peis contínuas da instituição mais sagrada, está um suserro que dá «Azeitão» elementos para uma monographia historico-agricola.

Os caracteres acham-se tão gastos pelo que me temo: traduzo no pensamento, que não sei bem se são estes os dizeres, mas a idea traduz-se assim. Elementos historios possou-o de alto valor; explorou-os meu Pa durante largos annos com trabalho paciente e probo, que se tentarei certificar e a que diligencias dar forma como poder e souber.

De relação economica da região para certamente parte o estudo da sua fructicultura, porque é esta na verdade uma das suas explorações agricolas, que sempre teve e ainda hej bem importante. Lá o município e Postilho de Apollio.

He este sitio de Azeitão vizinho. O mais alegre, que abonda o sumo. Nas flores, de que abonda o mais torrono. Nas fructas, que produz o mais formoso.

Mas, comoquanto esta devoção particiua um tanto do dever — assim entendendo considero a religião da terra natal — outras obrigações, a que não faltará contido o elemento devoto, preenchim-nos os dias a ponto de ter de reservar para os sautes os exercicios de praça.

Mas, como o professor pleio os alumnos dispoim, um d'estes, redactor do «Agora», sollicito-me um artigo sobre a fructicultura de Azeitão, e embragando-me com tal pedido, não me ocorre, de momento, motivo a oppoer-lhe. Tenho que tocar no assumpto ainda que no de leve, de aeroplano, para não apañar o conjunção, e este pouco ainda, porque mais não cabe nas duas palavras que o «Agora» comporta, bem mais a compariar com o tempo lectivo.

Entramos pois em Azeitão, por um dos seus vestibulos, que qualquer nos convidou em ar agasalhadeiro. O fim, porém, da nossa excursão aconselha a entrada pelo poente, para «percorrer» um comprimto da sua face central, a zona da cultura mais intensiva e das arvores de fructo.

Recebe-nos como fronteiro da região o velho castello de Kauza, arrasado e seccado, onde, por entre os carrações que o sobresta, talvez vaguete a horas mortas a alma de Sancho I, á espera que lhe cumpram a disposição testamentaria resguedo e municionado esta fortaleza tão importante na linha defensiva de Lisboa.

em mancha branca apparecendo do verde a espaço um vasto fapale verde e espuro hiralvo, com um enorme V desenhado a branco prateado e lizente, orlado de matiz: é da região dos pinhais, de bastantes mil hectares, que se estende do mar e do Tejo para o sul, e que assenta sobre as montes phoenicias, magras e planas, cortadas em angulo, de bisetria na direccção aproximada sul-norte, por duas ribeiras que, confundindo, desaguam no Tejo, em Coima. O matiz bordando o V das ribeiras é constituído pela variedade de vinha, arvore e semestrais annuaes que aproveitam as pingues alluvias das vaigas. Recostada pelo sul a calcetia do pinhal corre de descontinuaente uma faixa cinzenta, que se infiltra a espaço pelo lado da covocção, e que não é outra coisa senão o olvideiro que ha milhares de annos baptisou a região — Azeitão, como lhe chamaram os arabes, abundancia da arvore de Minera

De coque frouxo usou a providencia. O camião de terra, que se produz no Complot o mont de Azeitão lasso.

O solo vai ganhando em altitude, primeiro-suavemente, a formar os montes povoados, em cujas cristas alvejam e zuzum moimhos, para descer outra vez, mas abruptamente a constituir a parede angularitica do ancho vale do Picheleiro, fechado para o mar e pela fronteira ser da Arrabida.

Com o relevo do terreno variam as formações geologicas e a idade d'estas. Emquanto a planície é terciaria, com platinado phoenicio, o primeiro declive já assenta no mioceno, e o n'elles levantam em geral as povações, encostas pelo sul a uma cinta oligocena afanizada para oeste.

Caminhando para o Picheleiro, entra-se em solos acuaricos, constituidos pelo cretaceo, neojurassico, e extensas manchas do malim inferior, lisas, e outros terrenos em mistura complexa e variada. E' nestas formações e na serria que, para os lados de Calbariz, se exploram as pedras de granito e as brechas de lito exquisito matiz, conhecidas vulgarmente por marmore d'Arrabida.

A vista, que fã do alto se apercbe, encanta pelo variado dos tons, pela belleza minima, pela combinação harmonica de sombras e luzes. (Do livro do sr. Joaquim Rasteiro) (Continua.)

Novidade Literaria

ANSIA DE GLORIA Prosa de EURICO DE SENNA CARDOSO Verso de EÇA DALENCAR.

A Noite Erevolucionaria

Niquilagem e Pratear Por praça retubivante ofratos, l'ofornado de apanha, já couda com a de praça, o pratear do niquilismo. Interessa-o d'estes trabalhos.

LOBATO, LIMITADA 337, Rua da Palma, 334 Casa de Livros e Artes. Nacional e Estrangeiro Lisboa Telefone C. 374

Jose Maria da Fonseca LIXBOA Armazém AZEITÃO Telefone n.º 2 TELEPHONE Ed. Tel. 4000 Vinho Moscatel de Setubal Vinho Moscatel de Setubal Rivo Vinho Palma Superior Cognac Moscatel Vinho Moscatel de Setubal Super Moscatel Velho (de torna viagem) Moscatel de Setubal (ovo) Aguardente Moscatel

Centro Commercial do Bairro Novo DE Alda Pereira da Silva 36 a 42 — Avenida da Republica — 36 a 42 ALGÉS Genero de mercancia de 1.ª qualidade — Vinhos tintos, branco e chabados — Aguardente e vinho Moscatel de Setubal — Vinho do Porto, G. Larios e Caravello — Caram de peso branco, Tomalao e valgo — Mandioca — Queim e bolacha — Açúcar de leite — Lemão, cereja e legumes — Carvão e artigos de valvimento — Louça fina, ordinaria e vidros

FARMACIA BRAZIL Telefone 1058-Norte 7, Praça do Brazil, 8-LISBOA Consultas medicas diarias Análises de urinas e outras Empolia, siros, penos e especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras Productos preparados com todos os requisitos de assepsia e hygiene

76 Rua Nova do Almada 78 LINHO Manuel Pedro da Silva, L. da Guarda-chuva e sombrinhas Sempre Novidades Bengalla da moda Pentes e travessões Ganchos com finas pedras Leques de fantasia

MOAGEM DE CEREAS QUINTA VELHA AZEITÃO Moe de conta albeia pelos preços da lei! Trigo, Milho e Centeio. Farina os trigos outros cereais por ajuste especial.

Tipografia Henrique Torres Impressões e trabalhos de todos os generos com e sem cores e perfuração e rotulagem. Rua de S. Bento, 274 Lisboa

Rua Direita-Azeitão Armazem de generos de mercancia. Cerezas, legumes, asselles. Vinhos encorpados, generos, Garrafas Vidro em chapa, Tietas, ferragens, etc. e estrangeiras. Folha de Flandres, chumbo, estanho, etc. Depósito de tabacos.

Antonio Ferreira da Silva CASA MINHA EM ALDAIA (BRASO-AZEITÃO) Mercancia, Fumadas, Ferragens, Perfumarias e Drogas Cálculo de todos os qualiferaes e todo lito de fabrico de coloz, l'azadas. Artigos de papicaria, Cereza L'egumes e Flacaria PREÇOS LIMITADOS